



FUNDIDOR

(Cliché de A. Soucasaux)

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*r. Francisco de Souza Gomes Velloso.*

EDITOR

*Antonio José de Carvalho.*

ADMINISTRADOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

## Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de  
informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA (PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . . .	2\$400
» » (6 mezes) . . .	1\$200
» » (3 mezes) . . .	600
À cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas.	
Estrangeiro (1 anno) . . . . .	3\$000
» (6 mezes) . . . . .	1\$500
Numero avulso . . . . .	60



**Bordados Schweizer**

directamente da Suíça,  
franco de porte a domicilio!

Peçam hoje mesmo a nossa colleção contendo 80 figurinos novos com a nostrar bordadas, representando de modo muito exacto a execução maravilhosa dos nossos bordados afamados, assim como os nossos catalogos de bordados para roupa branca e pequenos artigos com verdadeiro bordado suíço.

Esta colleção é enviada franca contra a remessa d'um sello de 5 centavos.

A escolha comprehende blusas e vestidos para senhoras, meninas e meninos em cambráia, Voile, Crêpe, Transparente, Toile, etc. e sobre sedas novidades desde frs. 3.25. Os nossos bordados, como não são cortados, podem ser confeccionados facilmente sobre todos os padrões.

Ao mesmo tempo offerecemos a nossa colleção das ultimas novidades em estofos de seda para vestidos e blusas: Crêpe, Duchesse, Tafetás, Foulards, etc., cambráia suíça 120 cm de largura desde frs. 1.35 o metro. Grandissima escolha sobretudo em preto, meio luto, assim como em branco e côr. Esta colleção é igualmente enviada franca contra a remessa d'um sello postal de 5 centavos.

**Schweizer & Co.** Lucerne, Suíça

**Schweizer & Co.** Lucerne, 82 (Suíça).

## Rol de desobriga

Na administração dos *ECHOS DO MINHO* -- BRAGA, está á venda papel para o rol da desobriga.

## Collegio Lyceu Português FIGUEIRA DA FOZ

DIRECTOR, *José Luiz Mendes Pinheiro*

Situação esplendida. — Magnificas installações construidas expressamente para o fim a que se destinam. Cursos completos de instrucção primaria e secundaria. Professores estrangeiros para a ensino das linguas. Educação moderna completa sob todos os pontos de vista.

Enviam-se promptamente programmas e quaesquer esclarecimentos a quem os pedir ao director.





# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 19 de junho de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 103 — Anno II



Efeitos da guerra — Interior de uma igreja catholica adaptada ao rito grego em Suwalki depois de abandonada pelos russos



# Chronica da Semana



## VELHAS FIGURAS

**D**AS eleições? Sem duvida. Bom portu-  
guez, o chronista não é excepção á  
regra, não fica indifferente perante a  
lucta que agora se travou á bocca das urnas,  
lucta que teve por emquanto o aspecto de  
um choque de vanguardas, mas que amanhã,  
querendo Deus, ha de ser uma batalha cam-  
pal em forma en'tre os catholicos e a maço-  
naria official, que são os ultimos termos da  
transformação politica que se desenrolará em  
Portugal. Sob este ponto de vista, a eleição,  
que parece assegurada, de trez candidatos  
catholicos, e a votação obtida pelo Centro  
contra a maré cheia da abstenção e contra  
os conluios celebrados entre caciques da  
mais varia fauna, — é já muito promettedora  
e d'ella cumpre tirar a devida lição d'espe-  
rança.

O chronista d'uma revista catholica e  
portugueza como esta, tem o dever de regis-  
tar o facto com estas animadoras palavras  
que a observação lhe está dictando.

E quer elle salientar um outro mais im-  
portante e mais significativo ainda.

Ha pouco, ouvi formular n'um grupo de  
palestradores esta pergunta:—mudamos nós  
effectivamente com o 5 d'outubro? A vida  
politica portugueza transformou-se com a re-  
publica? Estas interrogações suscitaram aca-  
lorada discussão entre os velhos politicos  
que formavam o citado grupo, mas devo di-  
zer que não vi que resposta exacta e verda-  
deira obtivessem, a despeito da experiencia  
larga e conhecimentos praticos dos politicos.  
Quasi todos os abancados áquella meza de  
café, me pareceram veteranos invalidos que  
apreciassem moderna factica militar, segundo  
as theorias velhas dos seus tempos de casa-  
na. Fóra do serviço, decahidos do poderio e  
da influencia antigas, elles muito naturalmen-  
te fallavam do *seu tempo* com uns accentos  
de orgulho que encobriam saudade, mas por-

que só viam a sua posição de agora, não deram áquelle  
pequeno problema a solução precisa. Olhavam apenas para  
as suas pessoas e não para o que se passa em volta d'ellas.  
D'aqui, todos concordarem em que a vida politica do paiz  
tinha mudado, e quando, affastando a cadeira, um d'elles re-  
matou:—«São horas vamos para casa»—estas palavras for-  
ram a synthese das suas opiniões sobre os destinos pro-  
prios...

Todavia, eu ousou affirmar que na vida politica do paiz  
depois da republica, não houve mais que uma mudança de  
scenario, tendo ficado no palco, embora com caracterisações  
diversas, os mesmos, os mesmíssimos comparsas.

Algumas transformações que se operaram, são apenas

accidentaes. O eixo das roldagens é o mes-  
mo. D'alto a baixo, caricaturando isto, Bor-  
dallo, n'uma terceira edição da *Parodia*,  
apenas mudaria as côres do desenho e a  
legenda. Quem é o grande eleitor? E' o go-  
verno. Quem é o braço e a escora do governo grande-elei-  
tor? E' o cacique.

E' esta a essencia do problema. Mas subindo um pou-  
co mais, nós constatamos que nem mesmo se modificou a  
mentalidade estreita do influente. E as recentes eleições ahí  
estão a comprova-lo.

Sem duvida (abstrahindo já da abstenção enorme da  
maioria que é um inequivoco signal da poltroneria em  
que cahiu a nossa raça cansadissima e esfaldada após  
um combate de longos annos sem fé nem principios fortes)  
sem duvida, os catholicos teriam tido o triumpho completo  
dos seus candidatos, se acaso a mentalidade dos irrisoria-  
mente chamados conservadores fosse perfeita. Tal se não  
deu nem dá porém, ao menos por agora.

A revolução republicana de ha cinco annos mandou  
apenas para a provincia os chefes que em Lisboa puxavam  
os cordelinhos do *guignol* politico. Os juizes, os funciona-  
rios administrativos, os advogados, os officiaes do exercito  
em exercicio na politica, com abandono para elles proveitoso  
dos seus cargos, tiveram que voltar a occupa-los. Mas ve-  
lhos rabulas, não deram ordem de dispersão aos seus nu-  
cleos de amigos, certos de que *elles*, os outros, os novos e  
incipientes seus successores no malbaratar da coisa publica,  
chegada a hora da cartada, lhes iriam bater á porta. E cal-  
cularam bem, não haja duvida. Monarchicos apenas por te-  
rem sido grandes sob o man'o regio, deixando Couceiro  
abandonado em Chaves e o rei a fugir para Gibraltar, mo-  
narchicos por interesse — eis tudo, visto que um resto de  
decôro e a estúpida campanha dos *adhesivos* lhes barrou a  
caminhada p'rá republica, esses que «não deram o corpo ao  
manifesto» deram a mão complacente ao deputado republi-  
cano. Contra o regimen, o pedido dos seus votos feito pelos  
senhores da republica, é para elles, antigos senhores da mo-  
narchia a sua desforra, prazer de vêr ainda que são obede-  
cidos pelos seus amigos, prazer de vêr ainda que tem im-  
portancia.

Conservadores? Nunca o foram. Monarchicos? Só de  
nome. Na sua mente, se alguma coisa subsistiu ou subsiste,  
é o preconceito liberal. E' por isso, leitor, que todos elles,  
encarando o jogo politico pelo velho prisma, com pequenas  
divergencias de rotulo, mas sempre convictos de que quem  
faz favores é quem tem força, põem a sua influencia ao ser-  
viço do radicalismo poderoso, quer abstenendo-se, quer dando  
votos por velho habito; é por isso leitor que no fundo, o  
seu combate eleitoral contra os catholicos, é tudo quanto ha  
de mais... *ancien régime*.

O que não quer dizer que amanhã não protestem contra  
as perseguições dos radicaes que os mandarem arca buzardos  
pelos *terríveis e horríveis carbonarios*, e não continuem a  
dizer que *isto vae mal*...

F. V.



# VIDA INTENSA

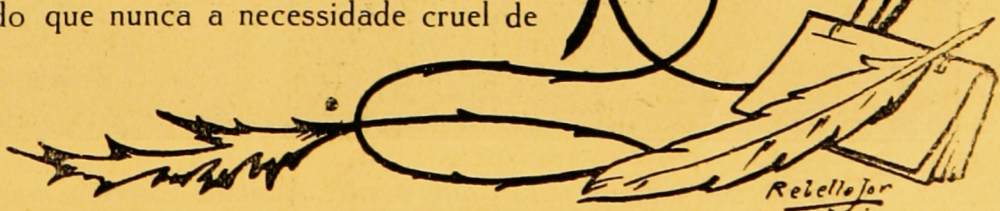
## UM CASO VULGAR

**E**SCREVE-ME um amigo, um velho amigo por signal, annunciando-me a sua partida para o campo, onde vae viver inteiramente esquecido na tranquillidade do seu lar. Cançado da vida exgotante das cidades vae crear uma existencia nova, na sua casa retirada, entre vinhedos e arvores de fructa e, alli, procurará esquecer o tedio profundo da sua vida extenuada e gasta. Viverá talvez com prazer, a vida clara dos rudes; terá um largo pomar com renques de buxo, terras fartas de sementeira; creará gallinhas e patos; engordará mas, esquecido e glabro, eu não acredito que o meu amigo risque da sua alma o tedio cruel do seu mau fado. A sua doença desesperada, em requintes, não melhora com a therapeutica salutar dos campos. A sua alma precisa de solidão, os seus nervos necessitam



*PORTO — Grupo de socios da Juventude Catholica que formavam o "Orpheon," que executou a parte musical nos exercicios do mez de Maria mandado celebrar na Sé Cathedral*

de socego, que só encontrará entre o tumulto da cidade. Nascido no campo, o meu amigo precisa da cidade, porque ensimesmado entre a multidão, que detesta, elle terá o isolamento, o socego. Viver no campo não é isolar-se é pelo contrario aggregar-se tacitamente á sentimentalidade dos outros. O campo, com a sua simplicidade, approxima, associa os corações e eu não sei porque raro poder suggestional, essa expansão ingenua, nos empurra para a humanidade envelhecida de vicios. As cidades com o seu egoismo affastam os homens pelo preconceito, pela dôr. O meu amigo vae peorar. Detestando os homens terá mais do que nunca a necessidade cruel de





viver com elles, n'essa solidão que obriga, força o convívio. Nas cidades o melhor retiro reside no tumulto, porque divididos por sentimentos tão diversos, os homens podem pensar a frio, absorvidos na sua dôr. Mas o meu amigo, opta erradamente pelo campo e parte para a velha casa senhorial, como qualquer *lord spleenatico* vae matar faizões e... tempo, para as suas coutadas da Escossia. Vae tediento e voltará desesperado. Na cidade, dentro da vida elle teria a impressão consoladora para quem soffre, de estar bem longe d'ella. No campo, triste retirado, a cem leguas do ruido, experimentará a sensação rara de ver entre a multidão. Terá carinhos, será respeitado, admirado, ouvido, cercado de sollicitude, de interesse, mimado quasi, por essas almas simples, empurrado enfim para a vida, para o convívio. Não—eu vou pedir-lhe—não partirá porque no campo ainda é preciso ter saude e sobretudo felicidade e o meu pobre amigo, com o seu tédio e com os seus nervos gastos, entre essa boa gente acolhedora e expansiva, que o obrigará a viver vae ser absolutamente infeliz...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.



BARCELLOS—O snr. Adelino Correia, sua mãe, irmãs, filho, o capellão e um amigo na sua casa de Sant'Anna, em Encourados

Os pensamentos moraes destacados são como os raios de luz, que fatigam menos dispersos, que quando são apresentados em globo; são como os grãos levados pelo vento, que onde menos se presume vão germinar e florir; são como balizas collocadas na estrada da vida, para nos perdermos n'ella

Não consintas á tua lingua, que corra adiante do teu pensamento.



O povo sahindo da missa que o snr. Adelino Correia manda celebrar na capella particular da sua casa de Sant'Anna



## Jesus e o Amor

(Para os pastores e as pastorinhas)

O Mundo amou dois deuses pequeninos.  
Um, Jesus, cujo olhar luz como o Dia.  
O outro, o Amor, com figados tigrinos.  
Mas cuja voz — como a flauta, — a alma extasia.

Jesus nascido em humilde estrebaria,  
E' o loiro pastor de olhos divinos.  
O Amor em salas de oiro e pedraria  
Só liba sangue em craneos femininos.

Do Amor colhi volupias venenosas.  
De Jesus, lirios, açucenas, rosas,  
Que não se esfolham, não se estiolam mais.

Dizei pastores agora e pastorinhas,  
D'estas duas tão tenras creancinhas,  
Qual mais nos ama, vos captiva mais?...

Cascaes, 1915.

GOMES LEAL.

## À MÃE DE CHRISTO

(Versos cantados, por um grupo de gentilissimas  
senhoras, n'uma igreja d'esta cidade)

Oh doce Mãe de Christo, oh joia do Senhor  
Que nos fitas dos céos com teu olhar de Mãe,  
Ampara a tua grei, e dá-lhe o teu amor,  
Que o misero mortal sem teu auxilio cae.

Oh Senhora d'estrellas coroadas,  
E's a eleita dos nossos corações:  
Oh! quem nos déra, para as nossas almas,  
D'essa tua os benignos clarões!

Maio de 1915.

ZULMIRA DE MELLO.



# SEM GRAÇA

(Notas sobre uma exposição de humoristas)

**A** exposição de humoristas que ha pouco abriu no salão de festas do Passos Manuel, no Porto, merece referencia.

De perto assisti aos trabalhos dos seus organisadores, aos seus desanimos e esperanças, ao tracejar dos programmas. Quero hoje arrancar á minha carteira de visitante as impressões que a exposição me deixou, completando assim um pouco, o que sob o titulo *Moços doentes...*

o director d'esta revista aqui expendeu. ... Camillo abriu a primeira das suas *Novellas do Minho* com a citação das seguintes palavras de Manuel de Figueiredo: «Isto de querer ter graça e de fazer rir os outros anda por boa gente no dia de hoje». Assim posso eu abrir as minhas notas sem procurar destrinçar agora as differenças existentes entre o chiste de Voltaire, de Byron e de Heine e as chocarrices plebeias de Gil Vicente, mas sabendo bem que o humorismo britannico, graça de um assumpto serio com vivacidade e imprevisito originaes, não apêgou em Portugal, onde a graça mais adelgada e afidalgada se traduz sempre pela gargalhada sonora das alegrias sãs.

*Humorismo, humor* são estrangeirismos que não se aclimatam. E embora muitos dos nossos caricaturistas olhem já mestre Boddallo por cima d'hombros, como um homem que não logrou perceber por completo a sua arte, para mim o auctor do *Antonio Maria* é ainda o mais puro detentor da graça lusa, muito embora ella não se accomode a graciosidades mais finas. O *humorismo* — e bellos trabalhos elle tem produzido entre nós — não falla á nossa simplicidade e o nacionalisa-lo traz o risco de matar a graça... pelo ridiculo.

Da exposição do Passos Manuel, porém, nem esse mesmo *humor* resalta. (Eu devo declarar que não fui lá para me rir). A'parte um

ou outro desenho de Ramos Ribeiro e estes mesmos de uma feitura de importação — tirante o pequeno desenho «Vê aquelle caminho?» e sobre um motivo portuguez os personagens dos outros são caracteristicamente germanicos, caso explicavel pela permanencia do auctor além do Rheno — nenhuma obra se depara de puro *humorismo*, para não dizer graça porque esta, ao que parece, é desconhecida dos artistas expositores.

Por este lado, bom foi chamar ao *certamen* «dos humoristas» porque o publico não percebeu o sentido da palavra...

Ha, porém, alguma coisa aproveitavel a saccar da exposição. E' que em Portugal se começa a desenhar bem. Com certo cunho bizarro a que não estamos habituados, é certo, mas com muito cuidado e perfeição.

Esta será a menos notada talvez pelo publico, que mais se impressionará com o modernismo dos desenhos. Comtudo não é este condemnavel. O symbolismo invadiu hoje os dominios da arte e, buscando mais a interpretação de uma ideia atravez do modo de ser do artista do que a reprodução fiel das coisas, creou novas formas e concepções ineditas quer nos dominios da poesia quer nos da pintura. O desenho é hoje cheio de bizarro. Esta feição modernista comprehendê-la-ha bem quem conhece os aspectos da vida actual onde, por subida civilisação, é tido um requinte morbido de voluptuario luxo feminino que denuncia desbragamento de costumes, relaxamento de deveres moraes, que os principios christãos verberam altamente, e que transformaram Londres e Paris em centros de babylonica devassidão sem jugo, com muito do scenario do baixo imperio... As danças, os trajes, as proprias diversões, copiadas do Oriente menos austero, para não fallar... no resto, fazem dos tempos modernos os mais brilhantes e simultaneamente os mais perigosos, e muitas vezes tenho recordado que o mundo parece ataviar-se para o festim supremo, ao fim do qual, esgotada a taça de oiro do prazer, acabará de podre...



... Mas para onde me levariam estas considerações sugeridas por certos desenhos da exposição de humoristas, em que a libertinagem doirada do nosso tempo transparece — os admiráveis desenhos de Diogo de Macedo sobre as danças modernas, tão cheios do seu realismo lascivo ou aquell'outro de Antonio d'Azevedo *O Jardim de Afrodite* que recorda certos frisos de Pompeia e Herculanium que o fogo purificador deliu dos muros e reduziu a cinzas!

O que quero dizer ao leitor é que na exposição dos humoristas está muito da vida de hoje e que alli é menos immoral o que se vê do que aquillo que se denuncia e entremostra,

Todavia, uma observação cuidadosa dos trabalhos leva-me a concluir que alli ha apenas tres artistas que sabem o que fazem: — Antonio d'Azevedo, Christiano Cruz, Diogo de Macedo (este sob o pseudonymo *D. Maria Clara*). Azevedo tem já de facto o segredo do colorido. A *mancha* é sempre dada com firmeza, mordida com segurança e a proposito, ficando sobre ella a figura como no proprio ambiente. N'este genero, saliento entre os seus trabalhos *O fado*, *Eternelle chanson*, *Margarida vae á fonte*, *La comedia é finita*. Azevedo é tambem um bom artista do cartaz (genero nada facil porque n'elle ha que sacrificar a delicadeza



BARCELLOS—Grupo de professores primarios que homenagearam o official do exercito snr. Alexandre de Paiva Leite Brandão, pela forma brilhante porque este lhes ministrou a educação physica, offerecendo-lhe um almoço no Asylo do Menino Deus

(Cliché de A. Soucasaux)

— porque, faça-se justiça, no geral e sob o ponto de vista da moralidade, os organisadores seleccionaram bem, embora não devessem transigir com certos nús e semi-nús de Antonio d'Azevedo e Amarelhe nem com umas bem pouco *humoristicas* legendas de Gomes da Silva e Balha e Mello.

E agora vá de dar uma volta pelo salão. A impressão geral que colhi foi sem duvida favoravel e benevola, não sendo de esquecer os esforços da commissão que deve estar contente, dada a calaceirice dos artistas. A exposição é sobretudo agradavel pela originalidade.

do detalhe ás combinações a distancia) e ficamos sempre na retina os dois lindos typos de mulheres dos seus *gonaches*.

Christiano Cruz é para mim o maior de todos os expositores, e digo-o francamente pois anotei com desprezo o latir de certa critica e o ar estúpido com que o basbaque visitante mirava os seus trabalhos. Christiano Cruz é na exposição o unico que comprehendeu o modernismo na arte. Sempre sombrios, os seus traços dão-nos *charges* excellentes como a '1820' ou abysmam-nos nas fundas melancolias da raça. Veja-se, por exemplo, *A casa amarella*





Grupo de crianças vestidas á moda vianneza

(Cliché de A. Soucasaux)

e *Um velho recanto*, aspectos d'Alfama e da Mouraria, em que ao contraste forte e maravilhoso d'um claro-escuro perturbante, surge todo o poema da gloria patria em ruinas a que a crueza do sol dá um tom de ossada amarellenta e de sepulchro antigo. Na sombra dura de *Um velho recanto*, uma figura esguia e solitaria é a nota do abandono da miseria e do terror lendario dos agoiros... Tudo, na obra de Christiano Cruz (vejam por exemplo a linda *Caravela* que só tem algum par em um velho galeão de Antonio Lima, envolto de mysterio) falla de Portugal e pareceu-me até que n'aquelle *Guerreiro morto*, em cuja armadura ha uma côr embaciada de nevoa, está alguma coisa do nosso sonho desfeito!

Diogo de Macedo, o admiravel escultor que os leitores da *Illustração Catholica* já conhecem, é um desenhador de real talento. Os seus estudos de dança são d'isso exuberante prova pelo valor artistico e fundo poder de observação que revelam.

A um outro expositor me referirei: a Salazar que não sendo *humorista* nem coisa que se lhe pareça, em quarenta e dois *croquis* me deliciou. Entre elles destacarei o de uma lavradeira de Vianna, *mancha* plena de viveza e côr onde palpita o encanto do nosso regionalismo.

O restante da exposição, acheio-o mediocre ou nullo. Balha e Mello tem alguns trabalhos originaes, sobretudo as *lavadeiras*. Amarelhe

duas ou trez caricaturas perfectas, demonstrando-se no mais um mau copiadador.

Eis o que dizem as notas da minha carteira de visitante, e ao termina-las, quero recomendar á commissão, que felicito, que para outra vez seja inexoravel na seleção dos trabalhos, para dar unidade á exposição, não passar pelo desgosto de ter de devolver ao remettente plagiatos indecorosos, e sobretudo conseguir... ter graça. Ao menos, o risinho amarello da *Parodia*.

F. D'ALMEIRIM.

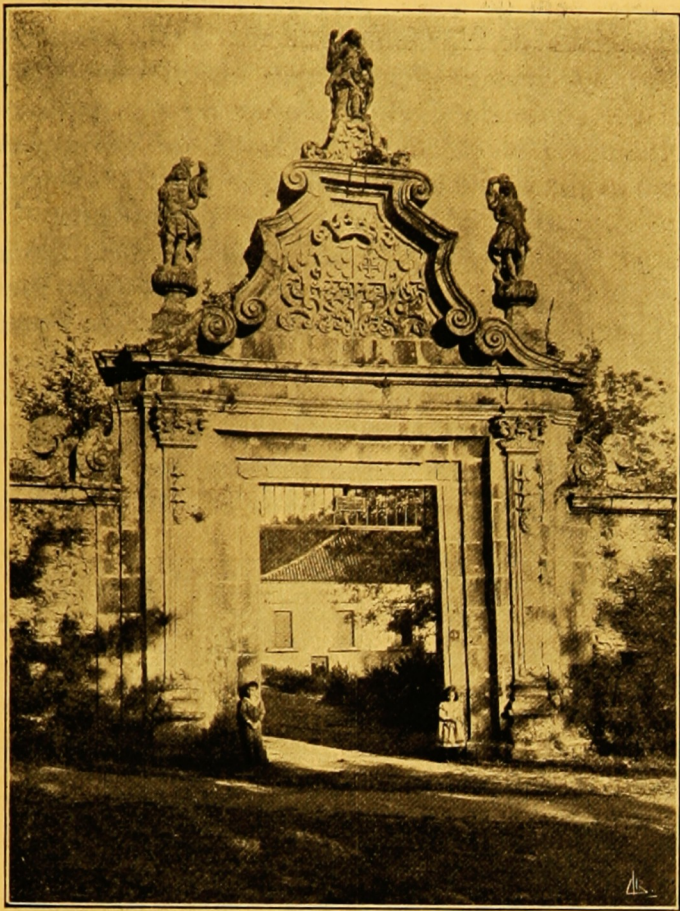
## Solar dos Simões



dois kilometros proximamente da Villa de Felgueiras, fica situado o solar da familia Simões, antigo solar dos donatarios de Felgueiras e Vieira e senhores de Alfena, desde Gonçalo Coelho no tempo de El-Rei D. João I em 1423.

Dá entrada para o solar um arco de pedra antiquissimo e que é encimado pela estatua de um guerreiro do seculo XVI. D'esse arco até á casa solarenga, vae uma extensa e formosa avenida de arvores seculares. A casa apresenta vesti-





*Portão de entrada para o terreiro e casa de Simães*

gios da sua passada grandeza, e está collocada ao lado d'um vastissimo terreiro todo elle rodeado de enormes e elegantes chafarizes em forma de leque, quatro dos quaes representam as quatro partes do mundo. Todos elles jorravam agua



*Avenida que vae do arco de entrada á casa de Simães*



*Entrada da Quinta pelo lado do marco de Simães*

Como fica dito o primeiro donatario dos senhorios de Felgueiras e Vieira, foi Gonçalo Pires Coelho.

Era filho de Pedro Coelho e de sua mulher D. Aldonça Vasques Pereira—neto de Estevam Coelho e de sua mulher D. Maria Mendes (a restante descendencia d'estes é que deu logar ao ramo da casa de Bragança e demais soberanos da Europa e bem assim aos senhores do Crato, d'Aguiar, Pena e S. João de Rei)—bisneto de Pedro Ennes e de sua mulher D. Margarida Esteves—3.º neto de D. João Soares Coelho e de D. Maria Fernandes—4.º neto de Soeiro Viegas Coelho e de sua mulher

pela bocca de animaes e sobre estes mulheres segurando na mão o escudo das armas dos Simães. Um outro chafariz representa o deus do Amor e ha um outro finalmente em que a figura principal é o celebre Lacoonte da Fabula, cujo corpo está enroscado n'uma serpente que elle domina. Encimam esse chafariz igualmente duas figuras guerreiras. O portão que dá entrada para o terreiro e casa solarenga e de que damos a respectiva photographia, é simplesmente grandioso e de uma architectura medieval.

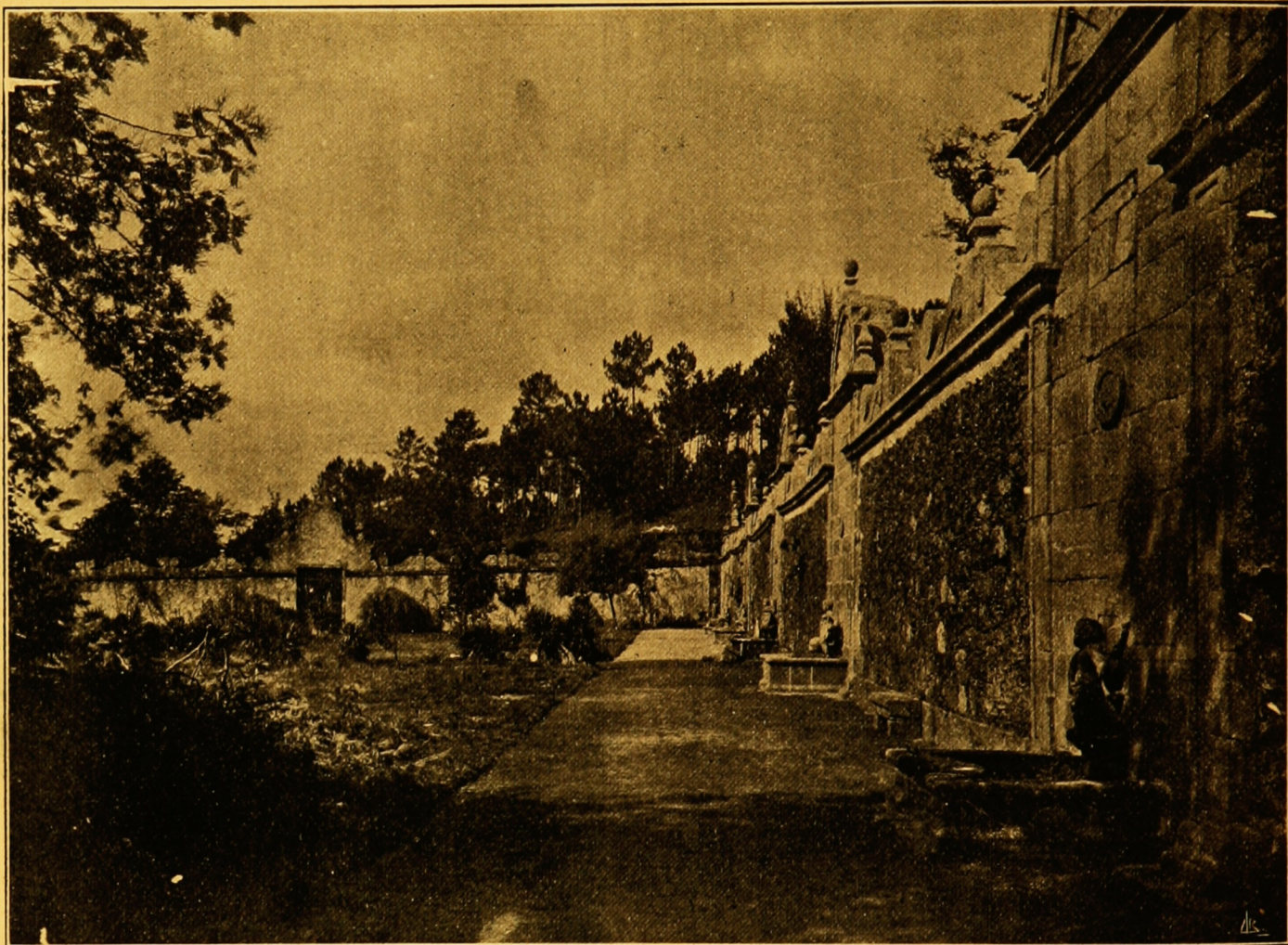
E' uma bella obra d'arte, sendo admiravel no seu conjuncto. N'elle vêem-se distinctamente as armas dos Simães — Pintos, Coelhos, Pereiras e Silvas com a sua respectiva corôa ducal.



D. Maior Mendes de Gondarei — 5.<sup>o</sup> neto de D. Egas Lourenço e de sua mulher D. Maria Godim — 6.<sup>o</sup> neto de D. Lourenço Viegas, o Espadeiro a quem D. Affonso Henriques chamava por irmão e 7.<sup>o</sup> neto do grande homem que foi D. Egas Moniz Coelho, aio e mordomomór de D. Affonso Henriques e de quem tão largamente fallam as nossas chronicas.

Segue a descendencia do referido 1.<sup>o</sup> donatario Gonçalo Pires Coelho. Succedeu-lhe seu filho Fernão Coelho, 2.<sup>o</sup> senhor de Felgueiras e Vieira que casou com D. Catharina de Freitas de quem nasceu Marlim Coelho que foi o 3.<sup>o</sup> senhor de Felgueiras e Vieira e que casou com D. Joanna d'Azevedo de quem nasceu Gonçalo Pires Coelho 4.<sup>o</sup> senhor de Felguei-

lho que morreu com seu pae na batalha de Alcacer, sem geração. Succedeu-lhe sua irmã D. Francisca de Noronha que foi a 9.<sup>a</sup> senhora de Felgueiras e Vieira e que casou com Francisco Pinto da Cunha, senhor do morgado de Rateães e alcaide-mór de Basto, de quem nasceu Antonio Pinto Coelho que foi 10.<sup>o</sup> senhor de Felgueiras e Vieira e que casou com D. Francisca de Athayde de quem nasceu João Pinto Coelho 11.<sup>o</sup> senhor de Felgueiras e Vieira que casou com D. Mariana Francisca Pereira da Silva, filha de Fernão Pereira da Silva, senhor de Fervedo. D'este casamento nasceram, além d'outros, os seguintes filhos: Antonio Luiz Vaz Pinto Coelho Pereira da Silva que foi 12.<sup>o</sup> senhor de Felgueiras e Vieira e José



*Vista geral do terreiro da casa de Simões*

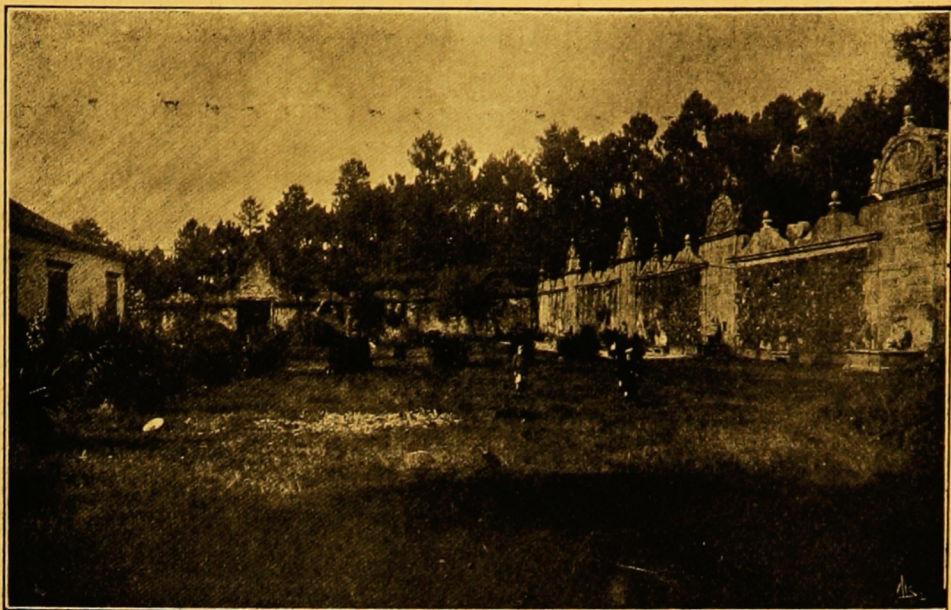
ras e Vieira que casou com D. Catharina de Souza, de quem nasceu Marlim Coelho que foi o 5.<sup>o</sup> senhor de Felgueiras e Vieira — morreu sem geração succedendo-lhe seu irmão Ayres Gonçalves Coelho, filho primeiro de Gonçalo Pires Coelho e de sua segunda mulher D. Violante de Magalhães — foi 6.<sup>o</sup> senhor de Felgueiras e Vieira e casou com D. Maria de Castro de quem houve Gonçalo Coelho da Silva, 7.<sup>o</sup> senhor de Felgueiras e Vieira e que casou com D. Maria de Mello Sampaio, de quem nasceu Ayres Coelho 8.<sup>o</sup> senhor de Felgueiras e Vieira, que morreu na batalha de Alcacer. Foi casado com D. Maria de Noronha, da Casa de Regalados, de quem procedeu Gonçalo Coe-

Lourenço Pinto Coelho Pereira da Silva. Este ultimo casou com D. Caetana Fillippa de Vasconcellos, senhora do morgado de Cepões e Fontello filha de Antonio Cardoso de Menezes e Vasconcellos, capitão-mór de Murça e senhor dos morgados de Fontello e outros, de quem nasceu José Finto Coelho Cardoso de Macedo, senhor dos morgados de Simões, Cepões e Fontello, e que casou com sua prima D. Marianna de Noronha e Portugal, e d'esta houve a João Pinto Coelho Guedes de Macedo, moço fidalgo da Casa Real e senhor dos morgados de Simões e Cepões, e que casou com D. Joaquina Jacintha de Freitas Mello e Castro de quem nasceu José Pinto Coelho Guedes



Pereira da Silva, moço fidalgo da Casa Real e senhor dos morgados de Cepões e Simães e que casou com D. Leonarda Rosa Branca Pereira de Miranda, senhora da casa do Ribeiro em S. Christovão de Abbação e outras e de quem houve seis filhos que o ficaram representando nas suas casas e nas de sua mulher e foram José Antonio, D. Emilia, João, Duarte, Domingos e Augusto, dos quaes o 4.º o bacharel Duarte Egas Pinto Coelho de Simães que morreu depois de seu pae e sem descendencia instituiu por seu unico e universal herdeiro a seu sobrinho o bacharel Maximiano Pinto Coelho

Guedes de Simães na posse e representação do qual está por isso hoje a casa e morgado de Cepões que havia herdado de seu pae. O 5.º Domingos Pinto Coelho Guedes de Simães, moço fidalgo da Casa Real, bacharel em Mathematica pela Universidade de Coimbra, com o Curso Geral de Artilharia pela Escola do Exercito, general reformado, ficou senhor por morte de seu pae da Casa e quinta de Simães e de quem são representantes as suas duas unicas filhas D. Julia, casada com o seu primo direito o bacharel Maximiano de Simães acima referido, e D. Adelaide casada com Francisco Antonio Telles de Menezes e Castro.



*Terreiro e parte da casa de Simães*

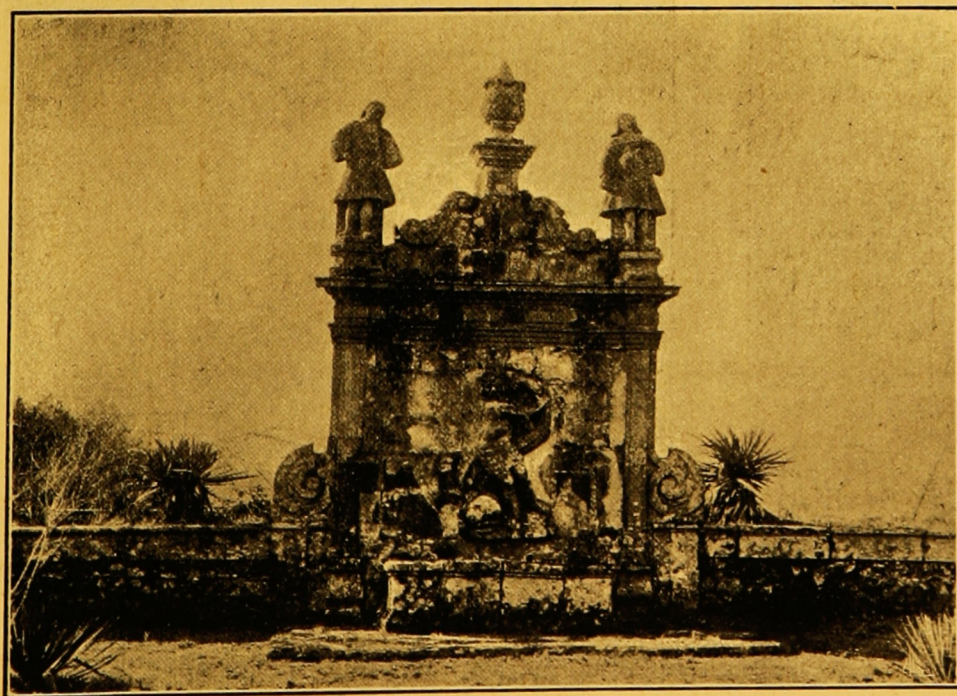
## Um quadro "ad hoc,"



**E**STA enorme desgraça que assola a nossa patria, as esperanças que hoje se confundem com as desilusões, os desalentos com os animos, e os raros heroismos e abnegações com um sem numero de cobardias e de villezas, as alegrias com as tristezas, os risos com as lagrimas, fazem-me lembrar um lindo quadro, muito conhecido de nós todos, chamado o *Rêve*, onde Deltaille, o seu auctor, nos mostra n'uma immensa planicie, e n'um vasto horizonte, com um céu ennevoado e sombrio, um regimento vencido na tragica jornada de Sédan, o soldado triste e succumbido sob o pezo d'uma enorme desgraça, n'um ambiente de desanimo e de desolação, as armas ensarilhadas, a triste bandeira d'um triste dia, sanguinolenta e dolorosa, já vencida e enrodilhada na pavorosa realidade d'um presente de derrota, paira no ar uma nuvem de dôr, d'amargura, de desalento infinito!

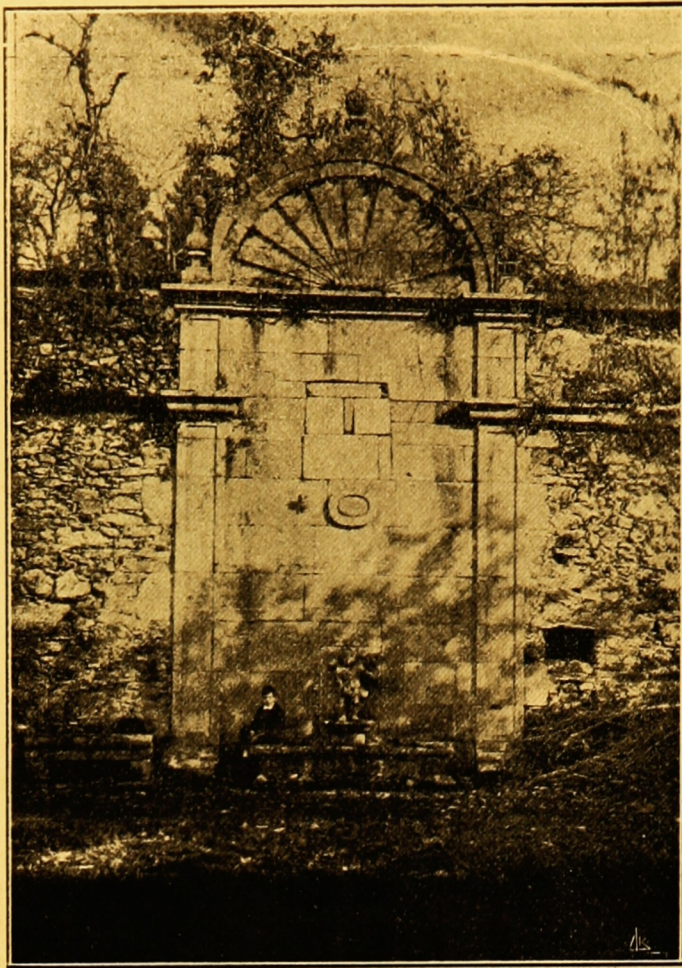
Lá ao longe, n'um raiar de céu azul, como n'uma nuvem de sonho, nymbada d'uma aureola de luz surge esfumada como uma esperança, a prestigiosa figura do Condestavel da França, o grande Bonaparte!...

Para o desalento amargo da hora presente, perante o desabar das nossas esperanças e

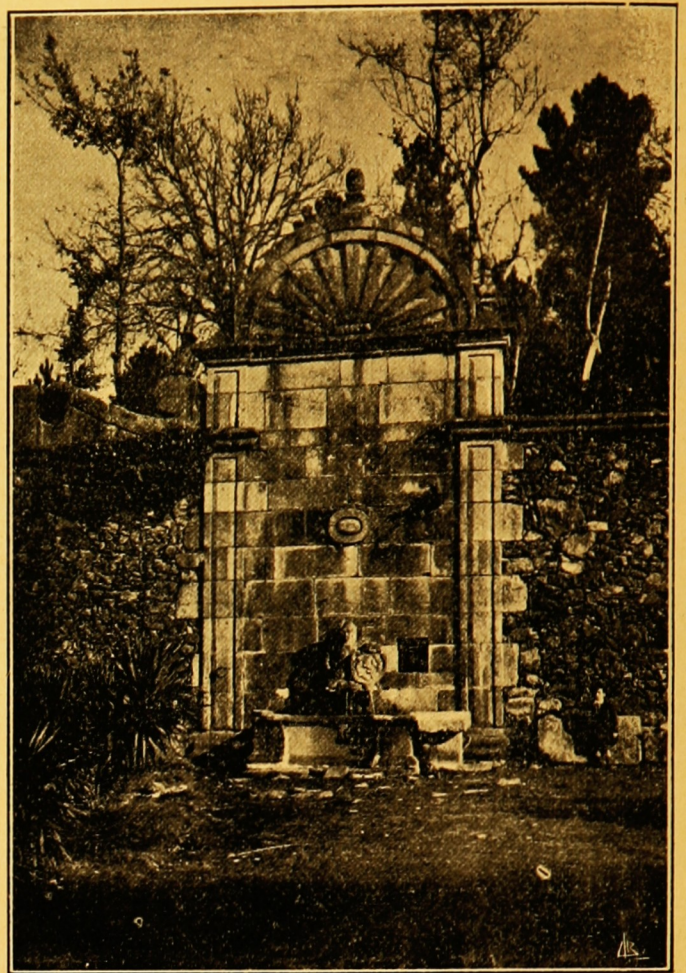


*Tanque Lecoonte*

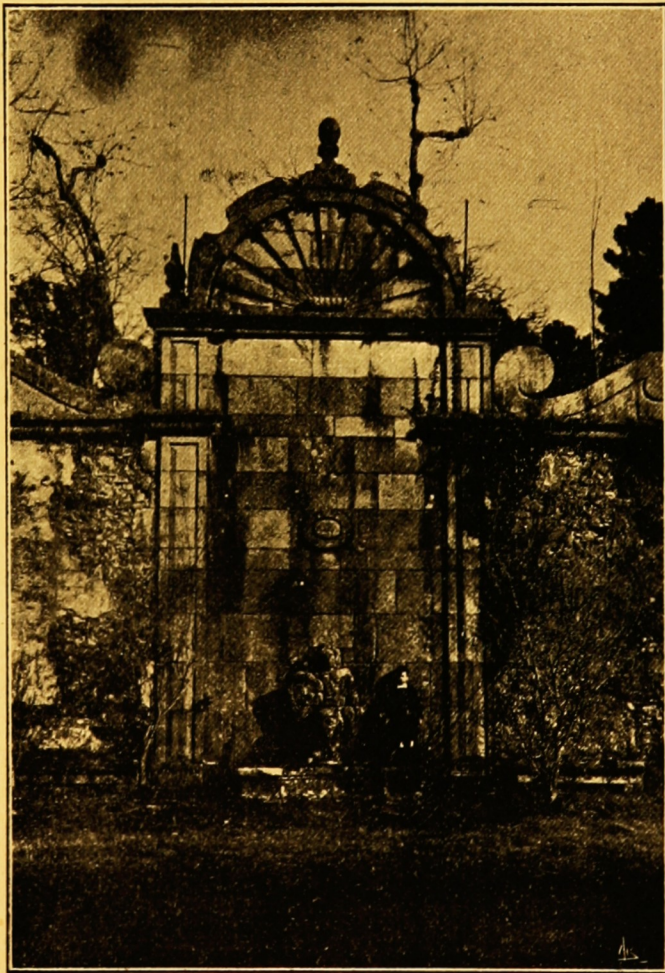




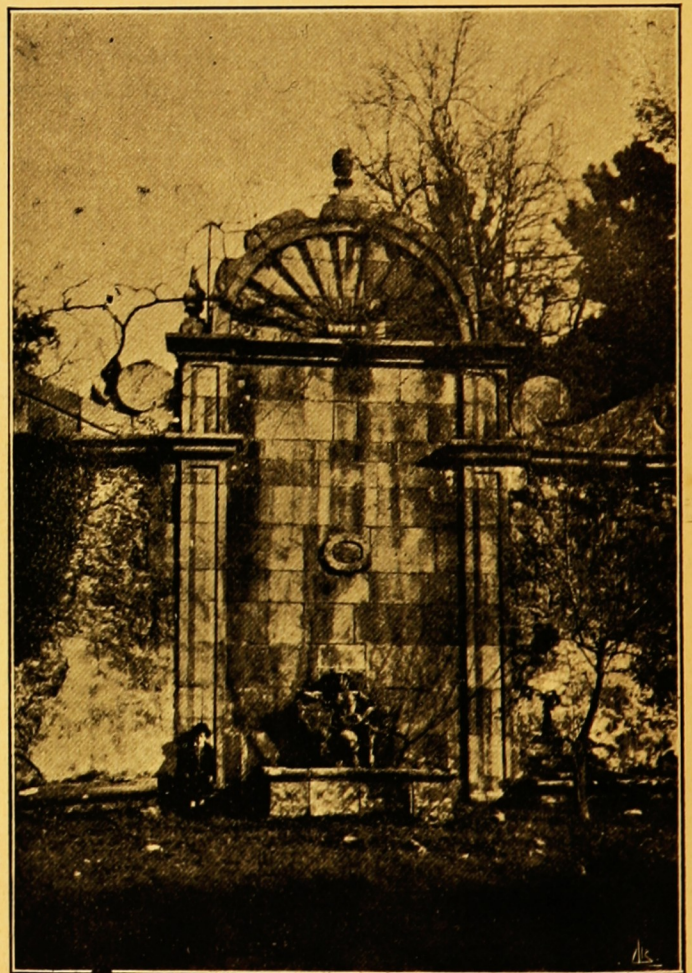
*Tanque Cupido da casa de Simões*



*Tanque Europa*



*Tanque Asia*

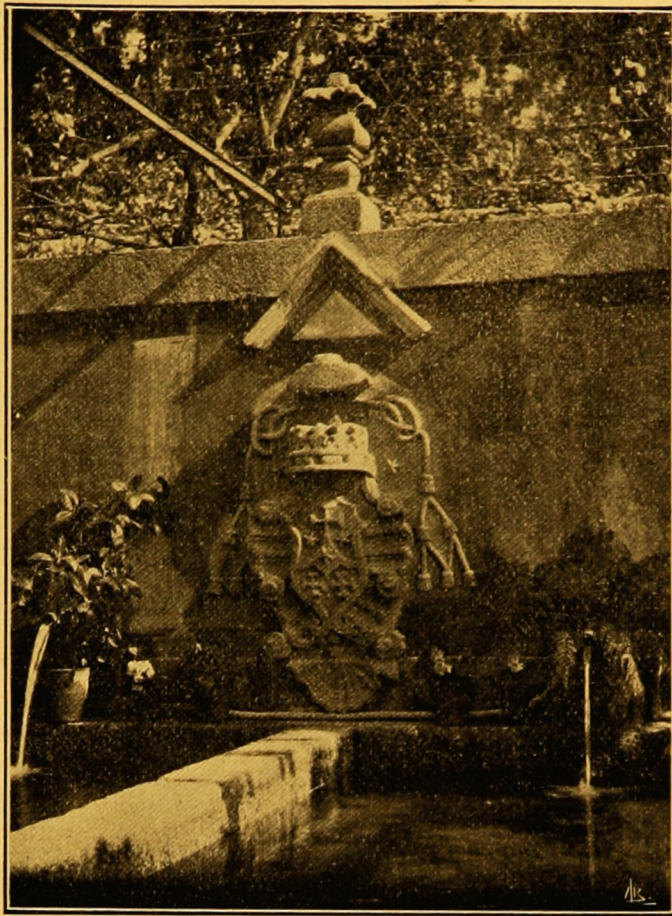


*Tanque Africa*





o desmoronar das mais lindas illusões, olhemos para traz, fitemos esse passado de triumphos e de glorias, encontraremos n'esse balsamo Fé e Consolação, Coragem e Esperança, n'um sonho tambem, n'um quadro imaginario e consolador, seculos lá ao longe, vemos n'uma apothese de gloria e de luz, a figura épica do Condestavel de Portugal, Nun'Alvares, cuja prestigiosa figura resplandece immortal, n'uma auréola de victoria e de santidade, portuguez do nosso sangue, d'elle é ainda o sangue d'alguns portuguezes; essa energia, esse vigor, essas virtudes heroicas germinam ainda nas nossas veias, as energias perdidas revitalizam-se com a memoria d'um passado de grandezas e de glorias immorredouras, e assim o inimigo irreducti-



*Brazão do Bispo eleito de Penafiel, Fr. Ignacio de S. Caetano—existente em uma fonte da casa de Casaes Novos (Penafiel) propriedade de ex.<sup>mo</sup> sr. Conselheiro Joaquim de Vasconcellos*

vel, esse perigo iberico, que d'era a era se levanta por entre as campas, como livido phantasma, encontra ainda por entre esses mortos d'inacção, por entre esses adormecidos n'uma funesta somnolencia, a alma d'esse Condestavel de Portugal, sempre nobre, e sempre o vencedor de Castella, é ella que resuscitando esse passado de luctas sangrentas e de victorias gloriosas accorda o Portugal d'então, é ella esse clarim que atordôa os ares despertando a nação adormecida, é ella n'essa alma nacional, o unico grito que faz vibrar ainda a fibra da independencia n'essa alma onde os seculos de liberdades perdidas e adquiridas nunca calarão os odios da raça, as ambições, as reminiscencias de dias tragicos e sangrentos ou de jornadas triumphaes.

## A "Illustração Catholica,, no Brazil



*RIO DE JANEIRO—Rua Marechal Floriano Peixoto*



Alguem diz com muita razão e profunda philosophia: «a perda da independencia é o destino irreparavel das nações que só sabem dormir.»

Entretanto, repete-se uma vez mais: Castella não dorme.

Braga 29 maio 1913.

ALMAFALLA.

## Fastos do Catholicismo

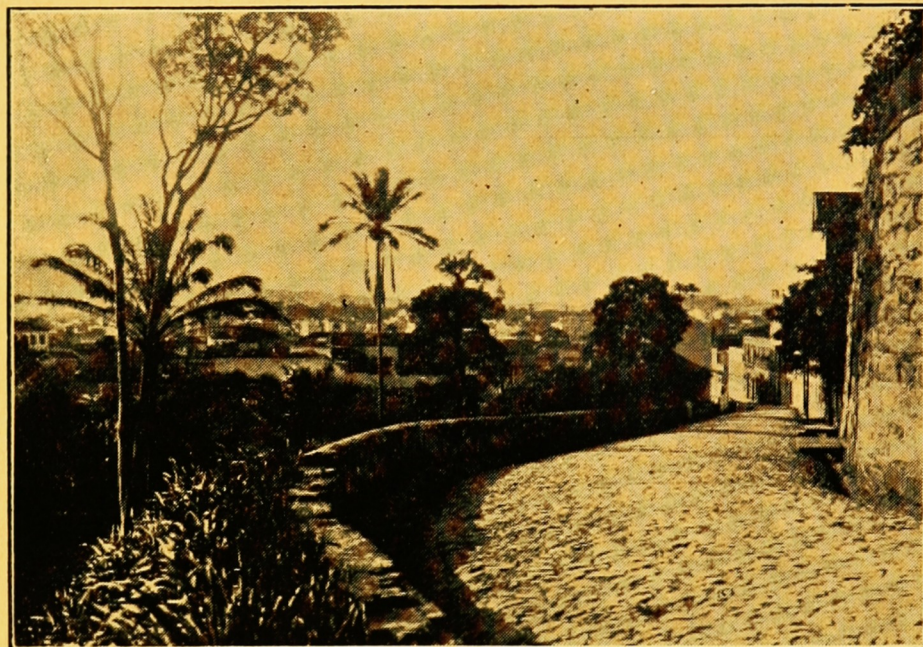


Bento XV e o Sagrado  
Coração

Como auctorizada voz de  
alento que sirva de estimulo



RIO DE JANEIRO — Escola Normal



Rua do Monte Alegre

e premio ao zelo do rev. Padre Matheus Crawley-Boevey, o benemerito apostolo do Sagrado Coração, dirigiu Sua Santidade Bento XV uma carta admiravel ao dito religioso ácerca da consagração dos lares christãos ao Coração de Jesus.

O Santo Padre concede a todas as familias do mundo, que realisem a consagração, as mesmas graças e favores que Pio X, de immorredoura memoria, concedeu em 1913 ás familias das Republica do Chile, que se consagraram ao Coração de Jesus.

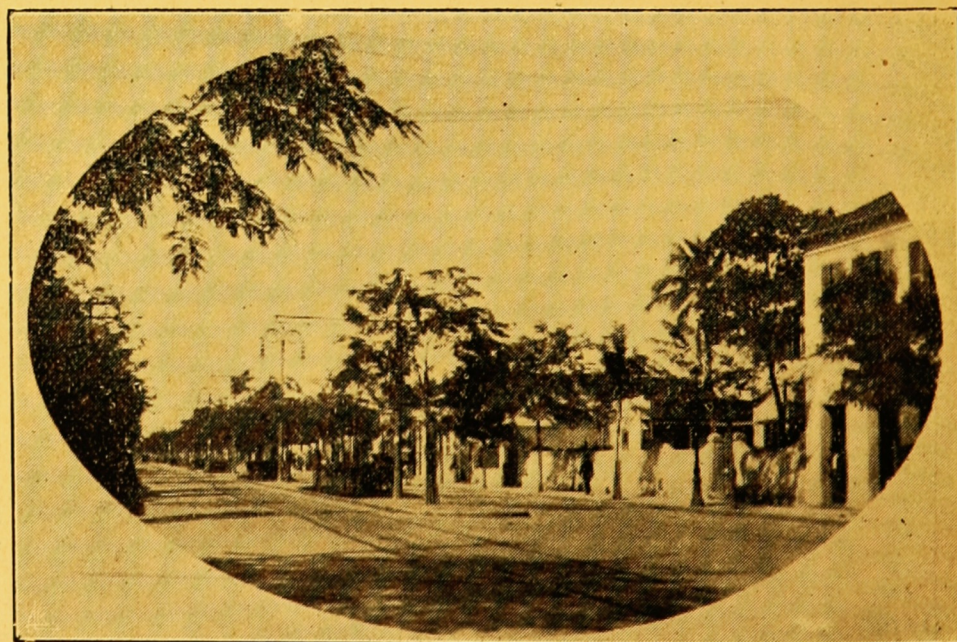
Com palavras cheias de unção mostra a sua compla-

encia pelos copiosos fructos obtidos pelo Padre Crawley, e mostra a conveniencia da consagração particular de cada familia, porque as coisas proprias nos affectam mais que as communs.

Nota toda a importancia de tão piedosa pratica christã, verdadeiramente providencial e opportunissima nos actuaes tempos.

Formidaveis inimigos combatem actualmente a vida christã: o *neo-paganismo*, que se empenha em perverter a norma dos costumes que aperfeçoou a Egreja e em destruir todo o vestigio de honestidade christã.

Dirige este *neo-paganismo* os seus ataques principalmente con-



Avenida 28 de Setembro



tra a sociedade domestica, intentando quebrantar com a lei do divorcio a estabilidade do matrimonio, apartando a juventude da religião com o funesto laicismo no ensino, e procurando, em summa, prostituir o lar, corrompendo por todos os meios imaginaveis a sociedade domestica para apoderar-se da sociedade em geral.

Contra este inimigo pagão só a caridade de Jesus pode lutar. Jesus Christo reinando em todos os lares, será um escudo poderoso, que manterá a pureza da familia e converterá a casa em templo.

O outro adversario é o



1) RIO DE JANEIRO—Um trecho do Jardim de S. Christovão.

2) Um aspecto do caminho para a Tijuca.

3) Outro aspecto do caminho para a Tijuca.

(Clichés de José Carvalho dist. phot. do «Jornal do Commercio»)



*pietismo*, «sentimento superficial de religiosidade, que com move facilmente os corações ternos e brandos e produz *lagrimas faceis, deixando intactos os vicios.*»

Contra este adversario se levanta o Coração de Jesus tambem com os espinhos do sacrificio que o rodeiam.

O Coração de Jesus, enthronizado no lar prêga diariamente a fé viva e constante, exige a caridade, descobre e desfaz as falsas apparencias do *pietismo* com a luz purissima de sua doutrina, com o exemplo da sua vida e com os meritos da sua Paixão.



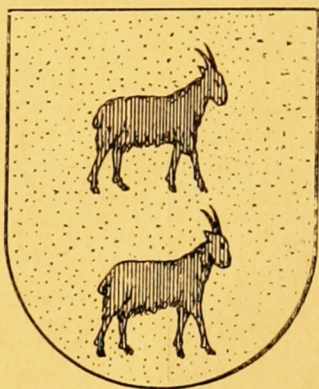
T. A



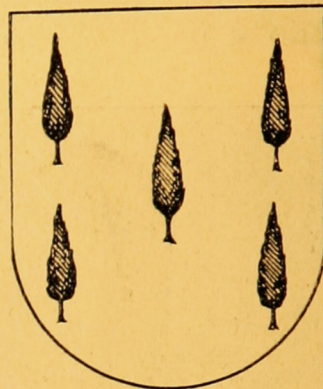


# ARMARIA PORTUGUEZA

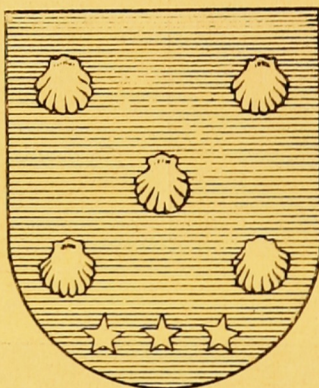
Armas de cada appellido que entram na composição dos brazões das casas nobres de Portugal



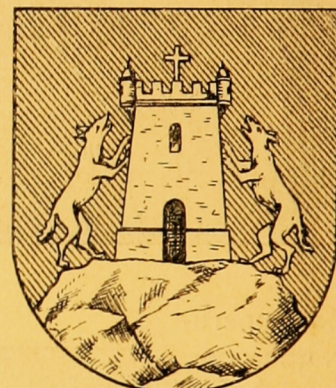
**Cabral.**—Em campo d'ouro duas cabras passantes de vermelho.  
Timbre: uma das cabras.



**Caldas.**—Em campo de prata cinco ciprestes verdes em aspa.  
Timbre: um cipreste.



**Calheiros.**—Em campo azul cinco vieiras de prata em aspa e em chefe tres estrellas tambem de prata.  
Timbre: dois bordões de prata com uma vieira e atados com um torçal.



**Camaras.**—Em campo verde uma torre de prata com ameias e corucheo, que remata uma cruz d'ouro; e dois lobos de sua cõr, em pé, rompendo a torre.  
Timbre: um dos lobos.

